

insólito



equivoco

(Colecção Sonho, Sono, Vigília e
Adivinhação, I)

I N S Ó L I T O
E Q U Í V O C O



Outubro 2021

Sumário

Nota	i
O homem dos pesadelos - J.D. Rodrigues da Costa	I
David, o sonhador - Ralph Bergengren	4
As crónicas de Nárnia - C.S. Lewis	7
Quando a noite veio - H.G. Wells	10
Sonho de uma noite de Verão - W.Shakespeare	12
Montanhas escabrosas - E. A. Poe	14
Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll	17
Sem porta - T. Wolfe	19
A noite, pesadelo - Guy de Maupassant	21
Bakunawa, a devoradora da Lua	24
História da pequena Surya Bay - M. Frere	26
A Rosa Espinhosa - J. e W. Grimm	29

Nota prévia

A compilação que aqui se apresenta inscreve-se na nossa linha de acção editorial "De anima" e está centrada na temática do sonho, em que a alma humana é "a um tempo, o teatro, os actores e a plateia" (Borges, 1986).

Seduzidos pelo sonho, um dos mais antigos e complexos géneros literários (Borges, 1986), criámos esta obra que é o primeiro título da colecção "Sono, Vigília, Sonho e Adivinhação", nome pedido de empréstimo aos pequenos tratados de Aristóteles sobre a natureza.

Os 12 textos reunidos nesta antologia falam das coisas que "engendramos no sonho" como espelho ou imagem invertida da realidade, pelo dinamismo da narração dos pesadelos que corresponde à rápida e brusca passagem de figuras e acontecimentos, característica dos sonhos (Zambrano, 2006).

A selecção dos textos ocorreu na 2ª Oficina "EVA na ADAO", em Outubro de 2021, tendo cada um dos 12 participantes escolhido e ilustrado os 12 excertos que compõem este livro.

Dando continuidade à opção de publicar neste eixo editorial autores no domínio público, salientamos mais detidamente a escolha, a abrir a antologia, da reedição de um excerto de "O homem dos pesadelos", de José Daniel Rodrigues da Costa (1757-1832). Esta escolha justificar-se-á pelo menos por três razões: ser obra de um autor secundário; ter sido originalmente publicada como folheto de cordel; ter por objecto sonhos, pesadelos e desvarios.

Com efeito, José Daniel Rodrigues da Costa é um autor secundário à luz do cânone português, tendo sido desvalorizado pelos sectores literários da época quer pela suas origens sociais e formação académica humilde, quer por ser um "escritor de cordel" (Ferreira, 2011). Apelidado de "sombra literária" por João Palma Ferreira, é um representante de uma cultura de margens, não podendo como tal deixar de nos interessar, pois "a implacável complexidade do mundo fica à margem do caminho marcado" e para um recolector-cartonero o trilho não é lugar por onde se caminhe muito tempo (Snyder, 2018).

Por outro lado, "O homem dos pesadelos" nasceu como folheto de cordel, objeto li-

terário facilitador do acesso à palavra escrita por parte de públicos para quem o livro era um luxo. Volvidos quase duzentos anos, prosseguimos enquanto editora cartonera, o mesmo objetivo e praticamente a mesma forma das edições de cordel.

Por último, trata-se de um texto que relata os pesadelos do cidadão vulgar e, destinando-se ao grande público, apresenta-se quase como uma narração oral, que ainda hoje soa de forma familiar e cativante, como se despretensiosamente o autor nos contasse os sonhos da véspera num serão à lareira ou à mesa de um botequim. Resultando os livros "De anima" do trabalho feito nas oficinas semestrais "EVA na ADAO", pareceu-nos ser, também por este motivo, um texto muito adequado para a leitura partilhada no contexto das oficinas.

Acresce que, não conhecendo nenhuma outra edição de "O homem dos pesadelos" para além da original de 1823, considerámos poder ser esta uma boa oportunidade de trazer José Daniel Rodrigues da Costa ao conhecimento do nosso público.

Nesta compilação procedemos, ainda, à tradução de três excertos de obras de que não conhecemos edição em língua portuguesa:

- "David, o Sonhador", de Ralph Bergegren;
- "Bakunawa, a devoradora da Lua", conto tradicional das Filipinas;
- "História da pequena Surya Bay", conto tradicional indiano, recolhido por M. Frere.

Incluem-se também nesta antologia os textos de Guy de Maupassant e T. Wolfe que expressam a paixão pelo crepúsculo e pela noite.

Não poderiam, ainda, faltar dois textos clássicos sobre o sono e o amor: a Bela Adormecida, dos Irmãos Grimm, e o "Sonho de uma noite de Verão", de W. Shakespeare.

Cabe fazer, por último, uma referência aos textos que deram o mote para o título que os participantes na Oficina escolheram para a antologia, "Insólito equívoco":

- a estranha relação entre a escuridão e os Morlocks em "Quando a noite veio", de H. G. Wells;

- a morte verdadeira e sonhada de Bedloe no conto "Montanhas escabrosas", de Allan Poe;
- a confusão entre Alice e a serpente, feita pela pomba em "Alice no País das Maravilhas", de C.S. Lewis.

Referências:

- Borges, Jorge Luís (1986). Livro dos sonhos. São Paulo: Difel.
- Ferreira, Maria Isabel Lopes (2011). José Daniel Rodrigues da Costa (1755/56-1832): um autor ao serviço da educação dos povos. Tese de Mestrado em Estudos Românicos. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1858-1923). Dicionário bibliográfico português. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Snyder, Gary (2018). A prática da natureza selvagem. Lisboa: Antígona.
- Zambrano, María (2006). O sonho criador. Lisboa: Assírio & Alvim.

O homem dos pesadelos

José Daniel Rodrigues da Costa

Discreto e amável Leitor, eu dormi, sonhei e aqui escrevi os sonhos que tive com os olhos fechados e que talvez aproveitem aos que têm os olhos abertos.

(...)

Sei que não nos é permitido dar crédito aos sonhos, porque o que se passa a dormir é o mesmo que nada; mas a verdade é que quando sonho coisas de que gosto, mesmo a dormir me alegro, porque nessa altura não percebo da sua falsidade.

Enfim, que cada um receba estes sonhos como quiser.

Se nisto encontrar o Leitor algum sentido, então ficará claro que não os sonhei para mim, mas sim para os demais.

Sou como o cego que andava de noite com uma lanterna na mão acesa. Perguntaram-lhe para que era aquele preparo, se ele com ou sem luz nada via?

Ao que ele respondeu:

"Trago esta lanterna acesa não para mim, mas para que os outros não venham de encontro a mim no escuro da noite."

Há muito tempo que a minha fantasia se casou com o sono e, tendo-me feito padrinho do casamento, não tenho agora outro remédio do que ser também padrinho dos filhos que produzem.



David, o sonhador

Ralph Bergengren

David sabia que estava a sonhar, porque tinha vestido um fato branco como os dos palhaços do circo, que usava muitas vezes nos sonhos e em nenhum outro lugar.

(...)

Capítulo VI - Como David se perdeu no mar do aquário do peixinho-dourado

Se olhares com atenção para o aquário do peixinho dourado e imaginares com bastante força que és muito pequenino, perceberás que a água do aquário é um oceano.

"Há um oceano no aquário - se tiveres o tamanho certo.

Se tiveres o tamanho certo, se fores mesmo muito pequenino, mal se dará por ti.

Se tivesses um pequeno barco poderias ver-te a flutuar nas ondas que se elevam e desdobram nesse aquário aparentemente plácido."

O minúsculo David estava na borda do aquário do peixinho dourado. Era uma praia de vidro, como a prateleira da casa-de-banho onde pousas as coisas enquanto lavas a cara, mas com quilómetros e quilómetros para cada lado.

Em frente estava o oceano, que David não saberia dizer ao certo se era azul, verde, cinzento-prateado ou violeta. Todas essas cores estavam nele misturadas, debaixo de um céu azul de verão, em que as nuvens desenhavam castelos e camelos de seis bossas, que se transformavam em nuvens-elefante montadas por homens.

Mas a melhor coisa é que tenhas espaço para ti próprio, sem ninguém à volta para te chatear, para te dizer o que podes ou não fazer.

E tinhas, ainda, um barco à tua espera, se te apetecesse s remar.



As crônicas de Nárnia

O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa

C.S. Lewis

Teria sido uma bela cena para contemplar através de uma janela, sentado num sofá confortável. Mas mesmo como as coisas se passavam na realidade, a caminhada, a princípio, agradou a Lucy.

Porém, à medida que iam caminhando sem parar e que o saco que transportava se ia tornando mais pesado, começou a perguntar-se se iria aguentar.

E deixou de olhar o brilho deslumbrante do rio gelado, com todas as suas quedas de água congeladas, as massas brancas nos cimos das árvores, a grande Lua cintilante e as inúmeras estrelas, para só conseguir dar atenção às perninhas curtinhas do Sr. Castor, a seguirem, pat-pat-pat, através da neve à sua frente, como se nunca mais fossem parar.

Depois a Lua desapareceu e recomeçou a nevar. Por fim, Lucy estava tão cansada que quase caminhava a dormir em pé, quando descobriu que o Sr. Castor se afastara da margem do rio para a direita e que os conduzia pela colina acima até uns arbustos muito cerrados.

Depois, ao acordar por completo, verificou que ele se estava a esgueirar para o interior de uma pequena toca que ficava quase oculta sob os arbustos, até se estar mesmo em cima dela. Na realidade, quando se apercebeu do que se estava a passar, já só se avistava a sua cauda curta e achatada.



Quando a noite veio

H.G. Wells

Antes sentia-me como um homem se sentiria depois de cair a um poço; a minha preocupação era o poço e como sair de lá.

Agora, porém, sentia-me como um animal preso numa armadilha cujo inimigo está prestes a chegar.

O inimigo que eu temia poderá surpreender-vos. Era a escuridão da lua nova.

Weena metera-me isto na cabeça através de alguns comentários, a princípio incompreensíveis, a respeito das Noites Escuras.

Naquele momento não era muito difícil adivinhar o significado que a próxima noite escura poderia ter.

A lua estava prestes a desaparecer; de noite para noite havia um intervalo cada vez maior de escuridão.

Perguntei-me vagamente que vilania maldosa poderiam os Morlocks levar a cabo a coberto da escuridão da lua nova.

mo é que...
nesse campo que é muito interessante perceber
e ela vai crescer e evoluir.

os já tiveram contacto com crianças como o Auggie?
mo é que os ajudou a lidar com a situação?

les me vieram visitar ao trabalho uma vez, havia
crianças no set que tiveram

coisa que não concordo de todo. Há tantas
anos bem preservadas como há homens, e
estão muito mal aos 40 anos. Está mais re
pessoa do que com a idade. Por isso, genera
como "mulheres que estão a tentar lidar co
envelhecimento" é tonto. De certa forma es
sempre nas entrevistas



Sonho de uma noite de Verão

Shakespeare

O bosque onde Lisandro e Hermia tinham combinado encontrar-se era o lugar perdilecto desses pequenos seres conhecidos pelo nome de duendes.

Era aqui que o rei e a rainha das fadas, Oberon e Titânia, acompanhados da sua corte de pequeninos vassalos, costumavam fazer os festins da meia-noite.

"Vem cá, Puck!" disse Oberon ao pequeno andarilho da noite. "Trata de me arranjaras a flor a que as raparigas chamam Amor-Perfeito. A essência dessa florzinha púrpura deitada nos olhos de quem dorme tem o condão de os fazer ficar perdidamente apaixonados pela primeira coisa que virem ao acordar.

Vou deitar umas gotas do suco dessa flor nos olhos da minha Titânia para que, assim que acorde, se apaixone pela primeira coisa que vir, seja leão ou urso, macaco ou atrevido gorila.



Montanhas escabrosas

Edgar Allan Poe

- Dirão vocês que eu sonhava mas não foi assim. O que via, o que ouvia, o que sentia, o que pensava, não tinha nada da inequívoca natureza do sonho.

Tudo era vigorosamente consequente.

Ao princípio, duvidando que estivesse realmente desperto, fiz uma série de testes que me convenceram de que o estava realmente.

Ora, quando se sonha, e dentro do sonho se suspeita de que se está a sonhar, a suspeita nunca deixa de confirmar-se, e quem sonha levanta-se quase instantaneamente.

Se a visão se me tivesse apresentado sem a suspeita de que fosse um sonho, então deveria ter sido; mas sendo como foi vejo-me forçado a classificá-la entre outros fenômenos.

- Nisso não estou certo de que se tenha equivocado - observou o doutor Templeton - mas continue. Levantou-se e desceu até à cidade.

- Levantei-me - continuou Bedloe - e desci à cidade.

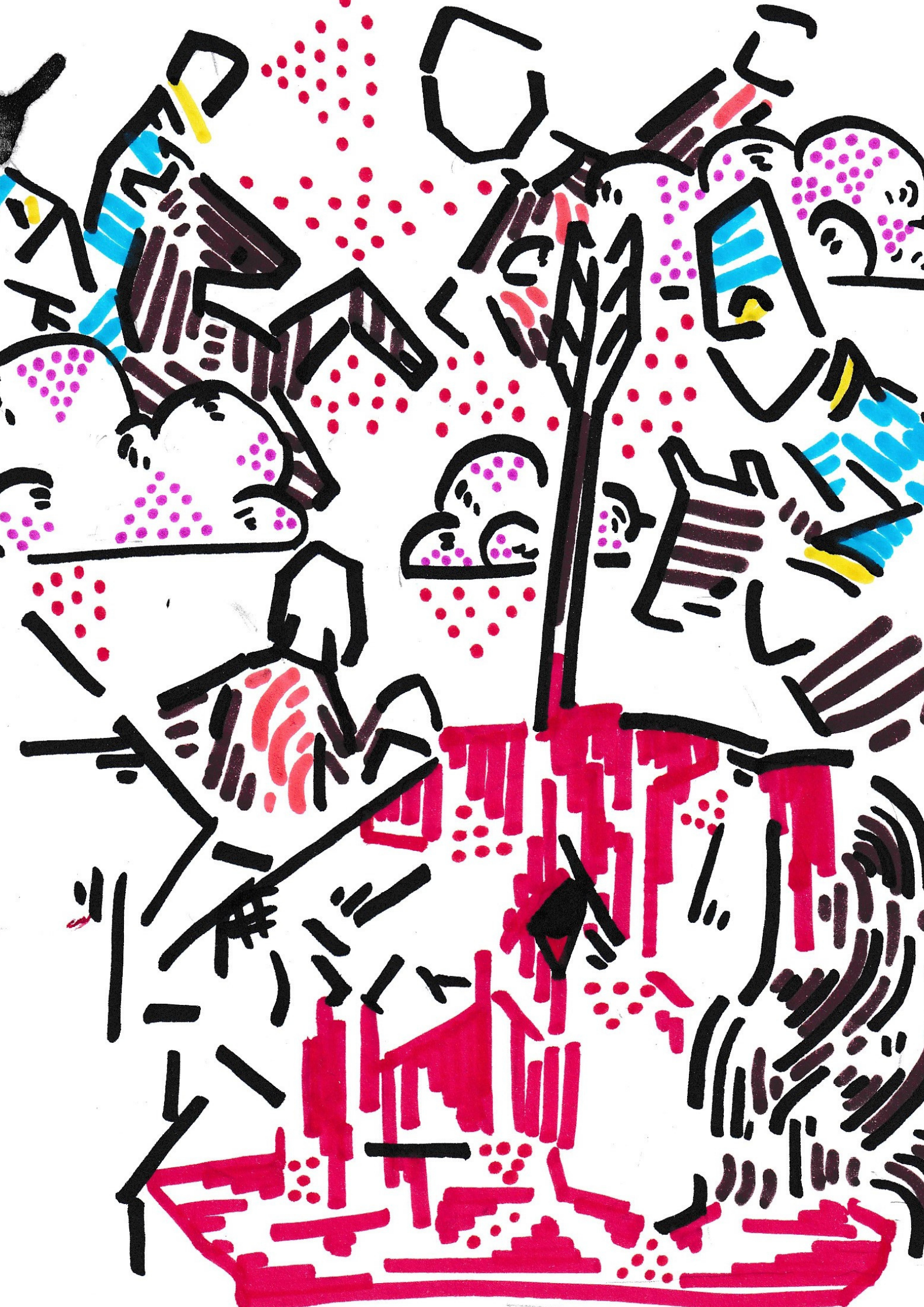
(...)

Ali tudo era tumulto e contenda. Um pequeno grupo de homens com vestimentas meio indianas, meio europeias estava a combater em absoluta desigualdade com a formigante população das avenidas. Uni-me ao grupo mais fraco, tomando as armas de um oficial caído, e lutei sem saber contra quem, com a nervosa ferocidade do desespero.

O gentio pressionava impetuosamente sobre nós, provocando-nos com as suas lanças e intimidando-nos com o voo das suas flechas.

Uma delas acertou-me na fonte direita. Tomei e caí no chão. Uma tontura instantânea e terrível apoderou-se de mim. Lutei, emití um suspiro e caí morto.

- Dificilmente poderá agora querer afirmar - disse eu, sorrindo - que toda a sua aventura não foi um sonho. Suponho que não me dirá que está morto, certo?



Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

- Já tentei raízes de árvores, tronquinhos - continuou a Pomba, mas nada parece chegar! Como se não fosse trabalho bastante ter de chocar ovos, ainda tenho de estar a vigiar as serpentes dia e noite! Já não prego olho há três semanas!

- Lamento muito - disse Alice, que então começava a perceber o drama do pássaro.

Mas este parecia nem estar a ouvi-la e continuava o seu monólogo revoltado.

- E quando me instalo na árvore mais alta da floresta, pensando que finalmente me livrei delas, eis que começam a voar pelos ares. SERPEEEEEEEEEENTEEEEEE!

-Já te disse que não sou uma serpente! - voltou a tentar Alice. - Sou uma... sou uma...

- Então, hesitas! Diz lá o que és então!? Bem vejo que estás a tentar inventar qualquer coisa!



Sem porta

Thomas Wolfe

A noite cai rapidamente e todos os copos de vidro fosco que temos nas mãos tilintam leve mas agradavelmente, e a grande cidade brilha à nossa frente, num fantástico movimento de torres e arranha-céus, agora semeados de um pólen diamantino de milhares de luzes.

E o sol põe-se e aquela antiga luz vermelha do dia moribundo tinge agora sem calor nem violência o rio - e vêem-se os barcos, os rebocadores, as barcaças a passar e as pontes em forma de asa transmitindo exultante alegria - e a noite chegou e há lá barcos - há barcos - e assalta-nos uma saudade indômita e intolerável que não conseguimos definir.



A noite, pesadelo

Guy de Maupassant

Amo a noite com paixão. Amo-a como se ama o seu país ou a sua amante, com um amor instintivo, profundo, invencível. Amo-a com todos os meus sentidos, com os olhos que a vêem, com o olfacto que a respira, com os ouvidos que a escutam em silêncio, com toda a minha carne que as trevas acariciam.

As calhandras cantam ao sol, ao ar azul, ao ar quente, ao ar ligeiro das manhãs claras.

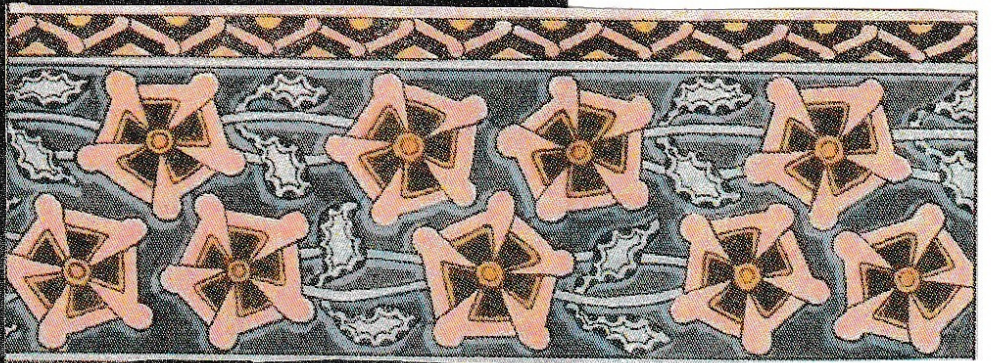
O mocho foge na noite, mancha negra que passa através do espaço negro e, alegre, embriagado pela negra imensidade, solta o seu grito vibrante e sinistro.

O dia cansa-me e entedia-me. É brutal e ruidoso. Levanto-me a custo, visto-me com lassitude, saio com mágoa e cada passo, cada palavra, cada pensamento, cansa-me como se levantasse um fardo esmagador.

Mas quando o sol desce, uma alegria de todo o meu corpo invade-me. Desperto, animo-me, à medida que a sombra aumenta, sinto-me outro diferente, mais jovem, mais forte, mais vivo, mais feliz.

Vejo a grande sombra suave caída

do céu a espessar-se: afoga a cidade,
como uma onda imperceptível, oculta,
apaga, destrói as cores, as formas,
abraça as casas, os seres, os monume-
ntos com o seu imperceptível con-
tacto.



Bakunawa - a devoradora da Lua

Conto tradicional das Filipinas

Há muitos, muitos anos, havia sete luas em redor da Terra, uma para cada noite.

Infelizmente a beleza do céu e a alegria das pessoas durou pouco, pois certa noite uma criatura terrível, uma serpente-dragão com asas, que habitava nas profundezas do oceano e se chamava Bakunawa, maravilhada com as luas e desejando possuí-las para sempre, atacou-as e conseguiu engolir seis delas. Apenas escapou a Lua que conhecemos hoje, por ser maior do que as outras.

Mas Bakunawa nunca desistiu e, ainda hoje, fascinada como o briho da lua, abandona as águas uma vez por mês, deixa a terra e a atmosfera e ferra os dentes na Lua, onde ficam visíveis as suas dentadas.

Por vezes Bakunawa está mesmo esfomeada e consegue engolir a Lua, provocando um eclipse lunar. Sempre que isto acontece é preciso sair para a rua com panelas, campainhas e caçarolas, para assustar Bakunawa com o barulho e fazê-la cuspir a Lua.



História da pequena Surya Bai

Mary Frere

E Surya Bai disse:

"As velhas águias levaram-me para muito longe, para terras estrangeiras onde tinham o seu ninho numa árvore muito alta, um grande ninho de ferro e madeira.

Para entrar e sair do ninho tinha de se passar por sete portas de ferro.

Chamaram-me Surya Bai (a Dama do Sol), porque era muito parecida com uma cria de águia.

Ali vivi feliz muitos anos. As águias amavam-me e voavam para países distantes para me trazer coisas raras e objectos caros. Um dia partiram para o Mar Vermelho, para me trazerem um anel de diamantes.

As águias deixaram no ninho provisões para doze meses e um cachorrinho e um gato para tomarem conta de mim. Algum tempo depois de terem partido, o gatinho roubou toda a comida e eu ralhei-lhe. O gato não gostou de ser chamado à atenção e, para se vingar, apagou o fogo da lareira.

Como eu nunca descia da árvore, o fogo do ninho tinha de estar sempre aceso,

para que pudesse preparar o jantar, por isso durante três dias inteiros não tivemos nada para comer.

Sem saber o que fazer, fui até à beira do ninho espreitar para ver se via fumo nas terras em redor. Então, muito longe no horizonte, vi uma fina espiral de fumo azul. Desci da árvore e, durante um dia inteiro, caminhei naquela direcção.

Era a cabana de uma velhinha e pedi-lhe um pouco de fogo. Eu não sabia, mas tinha chegado ao país dos Rakshas e aquela mulher era uma velha malvada, que mandou o filho seguir-me até ao ninho.

No dia seguinte, ao abrir a porta, uma coisa afiada que estva na grade picou-me na mão e eu caí sem sentidos.

Tinha-me picado numa unha venenosa de Rakshas, que o filho da velha tinha deixado encravada no portão.



A Rosa Espinhosa

Jacob e Wilhelm Grimm

Logo que sentiu a picada, caiu numa cama que ali estava e mergulhou num sono profundo. Esse sono espalhou-se por todo o castelo. O Rei e a Rainha, que acabavam de regressar e entravam na sala, começaram a dormir e com eles todo o seu séquito. Até os cavalos adormeceram na cavalaria, os cães no pátio, os pombos no telhado, as moscas na parede, o próprio fogo que crepitava na lareira calou-se e adormeceu, o assado deixou de corar e o cozinheiro, que se preparava para dar um puxão de cabelos ao moço da cozinha que tinha feito um disparate, deixou-o e adormeceu.

À volta do palácio começou a crescer uma cerca de espinhos que subia de ano para ano e acabou por envolver todo o castelo, ficando tão alta que nem o catavento do castelo se conseguia ver. entretanto, a lenda da Bela Adormecida espalhava-se pelo país, pois era assim que chamavam à Princesa, de tal modo que que de tempos a tempos vinham filhos de rei procurar atravessar a cerca. Mas não o conseguiram porque os espinhos os agarravam como se fossem mãos e os jovens lá ficavam, sem se poderem soltar, numa tris-

te morte. Ao fim de muitos, muitos anos, um príncipe passou pela primeira vez naquele país e ouviu um velho contar que atrás da cerca de espinhos havia um castelo em que uma princesa chamada Bela Adormecida, dormia há cem anos e que com ela dormiam o Rei a Rainha e toda a Corte.

Também tinha ouvido dizer ao Avô que muitos filhos de reis tinham tentado atravessar a cerca, mas ficavam presos nos espinhos tendo uma morte horrível.

Disse então o jovem "não tenho medo, quero ir lá ver a Bela Adormecida".

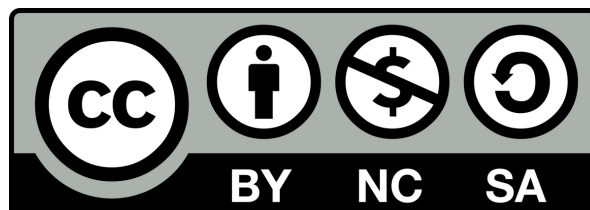
O bom velho bem tentou dissuadi-lo, mas ele nada quis ouvir.



Capa de: Isabel Alexandra Martins

Textos ilustrados com colagens de:

- Fátima Machado (O homem dos pesadelos)
- Maria da Graça Lourenço (Crónicas de Nárnia)
- Alexandra Costa (Quando a noite veio)
- Sonho de uma noite de Verão (Teresa Lança)
- Tomás Alves (Montanhas escabrosas)
- Isabel Lança (Sem Porta)
- João Amaral (A noite, pesadelo)
- Helena Carvalho (Bakunawa)
- Isabel Alexandra Martins (História da pequena Surya Bay)
- Helena Patrício (David, Alice e Rosa Espinhosa)



Uma produção EVA CARTONERA
em parceria com a ADAO - Associação de
Desenvolvimento de Artes e Ofícios

